

car o português de Camões em inglês semanticamente perceptível e foneticamente harmonioso e manter a fidelidade ao espírito do autor não está ao alcance de muitos. É necessário dominar bem os dois idiomas, desde logo; mas é sobretudo preciso ter uma grande experiência de contacto com textos portugueses do século XVI. Por último, é imprescindível conhecer em profundidade o mundo camonianiano e as muito diferentes formas de expressão que o servem. São requisitos de muita exigência, que no tradutor em causa convergem com raríssima felicidade. Tudo isso contribui para o pequeno milagre que é vermos as redondilhas de “Sobre os Rios que vão” vertidas em inglês e, mesmo assim, permanecerem não só reconhecíveis mas potenciadas na sua modernidade de grito angustiado e de superação mística.

Importância integradora tem, por fim a vintena de ilustrações que André Carrilho concebeu para este volume. Todas surpreendem pela beleza, pela adequação ao texto e pela capacidade de evocar e alargar a leitura. Retenho, em especial, as que figuram na p. 69 (referente ao soneto “Eu cantarei de amor tão docemente”), na p. 175 (alusiva à figura da Bárbara escrava) na p. 201 (a propósito do soneto “Alma minha gentil que te partiste”) ou na p. 231, introduzindo as redondilhas de “Sobre os rios que vão”.

Em face de tantas características louváveis, existem fundas razões para agradecer aos Professores Helder Macedo e Thomas Earle o serviço que

acabam de prestar à língua e à cultura portuguesa. Nas suas duas vertentes, o título que escolheram para o seu livro (“...a global poet for today”) fica bem demonstrado no carácter prospetivo da Introdução, no critério que presidiu à escolha dos textos e na propriedade versátil da tradução que nos é apresentada. É justo salientar, de resto, que se trata de um serviço que se soma a muitos outros já prestados por aqueles professores à causa da Língua e da Literatura Portuguesas, tão necessitada de militância serena e qualificada.

José Augusto Cardoso Bernardes

<https://orcid.org/0000-0002-8019-2465>

https://doi.org/10.14195/2183-847X_11_20

TEXTOS FUNDAMENTALES

SOBRE PORTUGAL

MIGUEL DE UNAMUNO

ÁNGEL MARCOS DE DIOS (ED.)

Salamanca: Luso Española de Ediciones (2020)

135 páginas. ISBN 9788415712428

SAUDADES DE PORTUGAL

RAMÓN GÓMEZ DE LA SERNA

ANTONIO SÁEZ DELGADO E PABLO

JAVIER PÉREZ LÓPEZ (ED.)

Lisboa: Abysmo (2019)

152 páginas. ISBN 9789899014008

Miguel de Unamuno e Ramón Gómez de la Serna são duas figuras centrais da cena literária espanhola novecentista, que têm em comum um invulgar interesse por Portugal numa época em

que o nosso país e a sua cultura passavam bastante ao lado do interesse das elites espanholas, a não ser como eventual lugar de refúgio no caso de alguma aventura política ou militar malsucedida.

Não são rigorosamente contemporâneos numa aceção geracional, porque há um fosso de 24 anos a separar as respetivas datas de nascimento. Nascido em 1864, Unamuno, é visto como uma das figuras centrais da chamada geração de 98 e do Modernismo espanhol (que corresponde estilisticamente ao Simbolismo-Decadentismo português); quanto a Gómez de la Serna, que nasceu em 1888, tal como Fernando Pessoa, é não só uma importante figura da geração que se sucede à modernista, a geração de 1914 ou novecentista, mas é também considerado um dos pioneiros e motores da Vanguarda espanhola, cuja eclosão é ligeiramente posterior à projeção pública do Modernismo português.

Qualquer destes autores tem várias das suas obras traduzidas para português, com destaque para Unamuno, que nalguns casos conta até com mais de uma tradução do mesmo livro, como acontece com a sua obra de referência *Del sentimiento trágico de la vida*, traduzida por Cruz Malpique (1953, com reedição em 1988), Artur Guerra (1989) e Maria do Carmo Silva (2001) e com *Por tierras de Portugal y de España*, traduzida por José Bento, em 1989, e por José Espadeiro Martins em 2009. Destaco ainda, entre várias outras edições em

português a *Antologia poética* de Miguel de Unamuno, publicada em 2003 pela Assírio & Alvim, com seleção, tradução, prólogo e notas de José Bento.

No caso de Ramón Gómez de la Serna, logo em 1923 foi publicada a tradução da sua novela *La Roja* (*A Ruiva*, na versão portuguesa de Rogério Garcia Pérez, e com prólogo de António Ferro, o seu principal discípulo português), enquanto *Senos*, uma obra com uma forte carga erótica, conheceu também duas edições em Portugal, em 1999 (tradução de Elsa Castro Neves e Rui Caeiro) e 2000 (tradução de José Colaço Barreiros). Destaque-se igualmente a coleção de *Greguerías* que Jorge Silva Melo reuniu e traduziu, também para a Assírio & Alvim, em 1998.

No entanto, mais do que o maior ou menor reconhecimento que as obras destes escritores tiveram em Portugal, o que está em causa com estas novas publicações aqui recenseadas é o apreço que ambos sentiram por Portugal e o seu conhecimento da sociedade e da cultura lusitanas. Quanto a isso, parece-me evidente que D. Miguel estudou muito mais profundamente a cultura portuguesa e os seus escritores, ainda que exagerando por vezes os aspetos da personalidade do povo português que melhor se adaptavam à sua própria conceção trágica do mundo, enquanto o entusiasmo ramoniano pelo país vizinho do seu era muito mais espontâneo, traduzindo uma simpatia natural que analisada em detalhe parece por vezes

caricatural, mas que vista em conjunto se entende ser genuína.

Os organizadores destas edições são todos eles investigadores espanhóis, que se têm dedicado ao estudo e à divulgação da literatura portuguesa. Ángel Marcos de Dios, natural da província de Salamanca, é professor catedrático jubilado da Universidade de Salamanca, onde coordenou a área de Estudos Portugueses; Antonio Sáez Delgado leciona literatura na Universidade de Évora, dedicando-se principalmente, enquanto investigador, às vanguardas do século XX; conta no volume *Saudades de Portugal*, com a colaboração de Pablo Javier Pérez López, doutor em Filosofia pela Universidade de Valhadolid, e especialista, como investigador e editor, na obra de Fernando Pessoa.

Registe-se ainda que o livro que recolhe textos de Unamuno se destina prioritariamente ao público de língua espanhola, enquanto o livro de Ramón Gómez de la Serna, publicado em Portugal e com os textos do escritor traduzidos para português, visa sobretudo o mercado português. Quanto à perceção que existe em Portugal da faceta lusitanista destes escritores, é óbvio que é muito maior o conhecimento que se tem da lusofilia de D. Miguel do que da de qualquer outro escritor espanhol, incluindo Menéndez Pelayo, sempre olhado com desconfiança por incluir a literatura portuguesa na área linguística e cultural hispânica, ou ainda Emilia Pardo Bazán e Leopoldo Alas “Clarín”,

para referir apenas alguns nomes de escritores espanhóis que divulgaram no seu país a literatura portuguesa.

Dirigindo agora a nossa atenção individualmente a cada um destes dois livros recentemente publicados, começo exatamente por Unamuno, adotando um critério cronológico, não da edição das obras mas da vida dos autores. Escreve Ángel Marcos de Dios, no seu breve “Prólogo”, que Unamuno foi “el más grande lusófilo de todos los tempos” (p. 7). E sem sombra de dúvidas, o escritor basco foi um enorme admirador da literatura portuguesa, muito particularmente da produzida pelos grandes autores da “geração de 70”, como Eça de Queirós, Antero de Quental, Oliveira Martins ou João de Deus, para além de Camilo Castelo Branco e do seu romance *Amor de Perdição*. Prezou igualmente a paisagem física portuguesa, como se pode apreciar em várias páginas do livro que publicou em 1911, *Por tierras de Portugal e España*; mas acima de tudo enalteceu a paisagem humana de Portugal, a “paisagem da alma”, para utilizar palavras do próprio Unamuno.

São conhecidas diversas amizades portuguesas a Unamuno, a começar por Guerra Junqueiro, que terá conhecido em 1898. Em 1904, visitou Coimbra, travando conhecimento com Eugénio de Castro e Silva Gaio. Em 1913, a edição espanhola de *Constança* seria acompanhada de um prefácio de Unamuno. Privou igualmente com Teixeira de Pascoaes e Manuel Laranjeira, escritor

e médico de Espinho, em cuja praia o reitor de Salamanca chegou a veranear, tal como na Figueira da Foz.

O livro organizado por Ángel Marcos de Dios é antológico e tem uma organização temática. Os temas são os seguintes: “Pueblo”, “Paisaje”, “Literatura”, “Del sentimiento trágico de la vida en Portugal” e “Unamuno, ibérico e iberista”. Contém ainda um *Apéndice* que enumera 15 poemas e 47 artigos que Unamuno dedicou a Portugal ou a portugueses. Ao longo da sua carreira de professor e investigador na área de literatura portuguesa, na Universidade de Salamanca como já acima referi, a mesma onde D. Miguel foi professor de grego e reitor, Ángel Marcos dedicou sempre uma atenção muito especial a Unamuno e às suas relações com Portugal, que sintetiza no breve prólogo e desenvolve nas apresentações mais substantivas antepostas aos textos unamunianos dedicados a cada um dos temas. No conjunto, há que reconhecê-lo, o livro fornece ao leitor um retrato poderoso do iberismo e do portuguesismo do autor de *Agonía del cristianismo*, outro dos seus grandes ensaios que pode ser lido em português em mais do que uma versão (1975, tradução de Georgette Emília; 1991, tradução de Artur Guerra, reeditada em 2004 e 2014).

O livro *Saudades de Portugal* foi realizado sob a responsabilidade editorial de Antonio Sáez Delgado e Pablo Javier Pérez López; as traduções são de Pablo Javier Pérez López e Miguel

Filipe Mochila; a introdução é de Antonio Sáez Delgado. Neste caso, a opção editorial foi por uma introdução mais extensa, um ensaio, na realidade, intitulado “Ramón Gómez de la Serna e o ramonismo em Portugal”, em que se historia sinteticamente a relação do escritor madrileno com o nosso país, que começa em 1915 e prolonga até ao seu *exílio* argentino, quando recolhe as suas memórias no livro *Automoribundia* (1948), que contém relevantes informações sobre a estada de Gómez de la Serna em Portugal. Nesta obra, que é uma das que fornece material para o livro organizado por Antonio Sáez Delgado e Pablo Javier Pérez López, o criador das *greguerías* descreve com algum pormenor os seus anos de vida em Portugal, incluindo a narrativa da construção de uma casa na zona do Estoril, *El ventanal*, e a sua subsequente venda devido a dificuldades financeiras. Os restantes textos provêm de *Pombo* (1918) – o livro mais representado no volume –, um dos quais descreve a sua primeira passagem pela fronteira portuguesa, que logo lhe transmite a sensação de que entra num país diferente e mais afável do que as outras nações europeias; de *La sagrada cripta del Pombo* (1924), donde recolhe apenas algumas páginas com epicentro no *ventanal*; e do jornal argentino *La Nación*, de que transcreve um artigo – *Esencia de Portugal* –, publicado em 6 de agosto de 1933. Os textos procedentes de *Pombo* têm a forma de cartas aos seus companheiros de tertúlia do café Pombo, em

Madrid, da qual o próprio Ramón era a figura cimeira, tal como foi registado no famoso quadro dedicado por Solana a esse grupo intelectual. Pretendeu-se com esta publicação, que segundo Sáez Delgado reúne “os principais textos que Ramón Gómez de la Serna dedicou a Portugal”, “reconstruir o pensamento do grande autor espanhol sobre as paisagens e a cultura desta terra” (p. 20).

O propósito não é, portanto, muito diferente daquele que levou à publicação dos textos de Unamuno sobre Portugal. Há, contudo, que registar que, apesar de ambos os escritores amarem intensamente o país vizinho e irmão, há diferenças muito substanciais no modo de amar de um e de outro, nenhum deles confundível, felizmente, com o interesseiro e ideológico *Amor a Portugal* (1949) do falangista Ernesto Giménez Caballero, que acompanhou o ditador Franco durante a visita em que o generalíssimo seria agraciado com o Doutorado *Honoris Causa* concedido pela Universidade de Coimbra. Na verdade, ao contrário do que acontece com Unamuno, o que move Ramón Gómez de la Serna não é o *iberismo* nem a confluência de interesses e objetivos entre Espanha e Portugal, mas antes a diferença que sentia entre dois países tão próximos. Por outras palavras, os elogios prodigados por Gómez de la Serna à espiritualidade e ao caráter romântico da sociedade portuguesa, assim como ao dinamismo e ao entusiasmo dos seus jovens artistas e intelectuais, constituem quase sempre

críticas, mais explícitas ou mais veladas, à sociedade espanhola, apresentada como o reverso da portuguesa: “Assim como em Espanha as aldeias e as cidades são de espessa materialidade e têm muros de grande consistência, ressaltando ao sol como uma realidade feroz, em Portugal as aldeias e cidades são achadas no romance lendário, sempre veladas por uma vaga irrealidade, cantos de écloa, espaços ilusos, assento diante do infinito, varandas de frente para o céu que o português fita com mais tranquilidade que ninguém, sem lhe acrescentar esse inferno turvo com que o espanhol precisa de representá-lo” (pp. 132-133).

Unamuno conheceu Portugal na fase final do regime monárquico, que culminou com o regicídio e a proclamação da República. Foram anos de intensa agitação política e de violência verbal e física que o autor de *Por tierras de Portugal y de España* considerou traços indeléveis da realidade profunda da alma portuguesa. Embora não tivessem passado muitos anos sobre a implantação da República Portuguesa, Portugal não era em 1915 exatamente o mesmo que D. Miguel percorrera seis ou sete anos antes. E aceitando até, como Unamuno, que Portugal era país de suicidas, tinha uma explicação bem mais nobre para isso do que o reitor de Salamanca: o exílio espiritual da brilhante intelectualidade lusitana, que não se conformava com a condição periférica do país no contexto cultural europeu. Era a proximidade intelectual e a distância física

de Paris, que explicava a “melancolia e a constância de suicídios” (p. 37) dos intelectuais portugueses.

António Apolinário Lourenço

<https://orcid.org/0000-0002-1014-0459>

https://doi.org/10.14195/2183-847X_11_21

O TRIÂNGULO MÁGICO. UMA BIOGRAFIA DE MÁRIO CESARINY.

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

Lisboa: Quetzal Editores, 2019

508 páginas. ISBN 9789897225598

António Cândido Franco tem dedicado ao surrealismo uma parte substancial do seu trabalho de investigação e divulgação, sobretudo através d’*A Ideia – Revista de Cultura Libertária*, publicação que reúne um verdadeiro arquivo do surrealismo português e na qual Mário Cesariny chegou a colaborar. Nas mais de 500 páginas da presente biografia está de algum modo vertida uma visão organizada não apenas desses materiais mas também de um manancial de outros documentos, muitos dos qual inéditos. A curadoria desse *corpus* descobre pontes e uma constelação de referências que permitem esboçar um retrato não só de Mário Cesariny, mas de todo um meio literário e artístico que reflete importantes aspetos da história sociocultural da segunda metade do século XX em Portugal. Professor de Cultura Portuguesa na Universidade de Évora e especialista em Teixeira de Pacoaes, António Cândido Franco tem uma vasta obra publicada, incluindo

poesia, romance histórico, teatro e ensaio. Obras recentes incluem *Notas para a Compreensão do Surrealismo em Portugal* (2013) e a biografia de Agostinho da Silva, *O Estranhíssimo Colosso* (2015).

O Triângulo Mágico abre com uma nota prévia que é também uma crítica à crítica: o desprezo a que o surrealismo tem sido votado em Portugal reflete-se num conhecimento superficial e “cheio de mal-entendidos e de erros graves” (18) sobre a poesia de Mário Cesariny, que permanece ainda “um continente por revelar” (17). António Cândido Franco justifica esta desatenção com o peso de um cânone “que data duma velhinha respeitável, mas parálitica, chamada Presença” (17), assinalando, porém, uma exceção: “A crítica mais duradoura, a que melhor se despojou dos lugares-comuns, a que melhor soube ouvir, a mais humilde e a mais sábia, foi a de Gaspar Simões” (109).

Em contra-mão relativamente à tendência instalada, António Cândido Franco reclama a importância das biografias para os estudos literários, por reconhecer que há autores cujos “passos da vida se entrançam de forma tão íntima na sua obra” (18) que a leitura da segunda não pode deixar de se enriquecer com conhecimento da primeira. A pertinência da biografia passa também pela recuperação de um percurso obscurecido pelo seu próprio tempo: “Cesariny pertence a uma geração e a uma época em que os poetas e os escritores não tinham biografia. Abdi-